

O PASSAGEIRO DA LINHA 3699

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

Obra literária inédita • Projeto com potencial de adaptação audiovisual

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

Material destinado a editoras, agentes literários e produtoras audiovisuais

1. Ficha da obra

Título: O PASSAGEIRO DA LINHA 3699

Autor: Juvêncio Marins

Gênero: Thriller histórico / suspense / ficção conspiratória

Extensão: 180 páginas

Estágio de desenvolvimento: Obra inédita. Manuscrito concluído, estruturado como uma sequência de cartas datadas ao longo de 1974.

Ambientação: Brasil e Argentina, com eixo na fronteira entre Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú, durante a década de 1970.

Público-alvo: Leitores adultos interessados em thriller histórico, suspense, investigação, Segunda Guerra Mundial, nazismo, fronteiras sul-americanas e narrativas de conspiração.

Formato de exploração: Publicação literária e potencial adaptação audiovisual.

2. Pitch

Em 1974, João Riban, ex-professor de História afastado da universidade sob suspeitas de subversão, aceita trabalhar como motorista de uma linha internacional entre Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú. Em meio ao trânsito cotidiano da fronteira, um passageiro começa a se destacar: um homem estrangeiro, soturno, de aparência médica, que reaparece a cada três meses carregando uma inseparável valise prateada.

A regularidade dos encontros transforma curiosidade em investigação. Quanto mais João observa o passageiro, mais coincidências, segredos, traições e mortes passam a cercá-lo. Seguir aquele homem significará atravessar não apenas uma fronteira geográfica, mas também os vestígios de uma guerra que oficialmente terminara quase trinta anos antes.

O PASSAGEIRO DA LINHA 3699 combina suspense histórico, investigação e ficção conspiratória em uma narrativa ambientada na América do Sul dos anos 1970, conduzindo o protagonista até uma descoberta capaz de reabrir um dos capítulos mais sombrios do século XX.

3. Sinopse

Em 1974, tentando escapar de um passado considerado subversivo pelo Governo da época, um ex-professor de História trabalha como motorista na linha rodoviária entre Foz do Iguaçu, no Brasil, e Puerto Iguazú, na Argentina.

A cada três meses, entre passageiros anônimos que atravessam a fronteira, um homem chama sua atenção. Bigodudo, soturno, com jeito de médico estrangeiro, chapéu encovado e uma inseparável valise prateada, ele embarca no ônibus e entrega seu bilhete ao motorista.

Sempre o mesmo homem. Sempre o mesmo intervalo.

A cada viagem, novas coincidências. A cada encontro, suspeitas e evidências começam a se acumular. O que parecia apenas a presença recorrente de um estranho transforma-se numa inquietante investigação pessoal, enquanto traições, sexo e assassinatos aproximam perigosamente o motorista de uma verdade que talvez devesse permanecer escondida.

Até que ele decide seguir o rastro do misterioso passageiro.

Em plena América do Sul dos anos 1970, entre fronteiras, identidades ocultas e fantasmas de uma guerra que oficialmente terminara quase três décadas antes, a perseguição o conduz a uma descoberta inimaginável: o covil do homem mais procurado de todos os tempos, aquele que liderou e assolou o mundo para sempre.

4. Diferenciais e posicionamento

Premissa de comunicação imediata. Um motorista percebe que o mesmo passageiro estrangeiro cruza a fronteira em intervalos regulares e decide descobrir quem ele é.

Ambientação histórica reconhecível. A narrativa se desenvolve em 1974, no contexto do regime militar brasileiro e da circulação entre Brasil e Argentina, combinando acontecimentos políticos, memória da Segunda Guerra Mundial e vida cotidiana.

Estrutura epistolar. O manuscrito é organizado em cartas datadas, recurso que aproxima o leitor da perspectiva do narrador e cria uma progressão documental para a investigação.

Fronteira como espaço dramático. Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú não funcionam apenas como cenário: aduanas, deslocamentos e identidades em trânsito alimentam o suspense e a sensação de território intermediário.

Mistura de gêneros. Thriller histórico, investigação, suspense, drama pessoal e ficção conspiratória se articulam em torno de um mistério central.

Escalada de revelações. A recorrência aparentemente banal do passageiro cresce gradualmente até conectar o cotidiano do motorista a personagens e segredos associados ao pós-guerra.

5. Potencial editorial e comercial

A obra se posiciona no campo do thriller histórico de alta premissa, com um gancho de fácil comunicação: um ex-professor transformado em motorista passa a investigar um passageiro recorrente numa linha internacional em 1974.

O cenário da Tríplice Fronteira, o clima político da década de 1970 e a presença de vestígios do nazismo na América do Sul fornecem elementos reconhecíveis para divulgação, capas, chamadas editoriais e campanhas voltadas ao público de suspense histórico. A narrativa também dialoga com leitores atraídos por mistérios históricos e versões ficcionais de acontecimentos e personagens do século XX.

A estrutura em cartas e a progressão investigativa favorecem leitura seriada, enquanto a combinação de deslocamento, perseguição e revelações cria pontos de virada adequados a uma apresentação comercial objetiva.

6. Potencial de adaptação audiovisual

Conceito visual forte. Ônibus de época, rodoviárias, aduanas, estradas, Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e a atmosfera política de 1974 oferecem identidade visual imediatamente reconhecível.

Motor dramático claro. O reaparecimento periódico do passageiro funciona como mecanismo de suspense e permite aumentar a tensão a cada novo encontro.

Estrutura serializável. As cartas datadas organizam a progressão temporal e podem ser convertidas em episódios ou blocos narrativos, preservando revelações graduais e ganchos.

Escala de produção flexível. A história alterna situações íntimas, relações pessoais e investigação com deslocamentos internacionais, perseguições e descobertas de maior escala.

Potencial de longa-metragem ou série limitada. O mistério central sustenta uma narrativa concentrada, enquanto personagens, relações e acontecimentos paralelos permitem expansão episódica.

7. Público-alvo

Leitores e espectadores adultos de thriller histórico, suspense investigativo e ficção conspiratória, especialmente interessados em narrativas ambientadas na década de 1970, Segunda Guerra Mundial, nazismo, ditaduras sul-americanas, fronteiras, identidades ocultas e investigações conduzidas por personagens comuns envolvidos em acontecimentos extraordinários.

8. Sobre o autor

Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor, historiador.

Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura, venceu os Prêmios Letras de Salvador e Mentres Verdes. É autor de obras de ficção e desenvolve também projetos com possibilidade de adaptação para outras linguagens, inclusive editoriais e audiovisuais.

9. Obras publicadas

- Crônicas e Contos que a Bahia Conta
- A Ordem de Bridge
- Blindfolded — Vol. I: Reação (também editado em formato HQ)
- A Regra — Vol. I: O Homem que Nunca Existiu
- Ponto Final
- A Irmandade da Cobra que Fuma
- A Casa de TR
- A Letra Morta
- A Casa Número 11 — Vol. I: O Assassino do Cano Duplo
- A Casa Número 11 — Vol. II: O Homem sem Rosto

10. Informações e contatos do autor

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

E-mail: maisde3neuronios@protonmail.com

Telefone / WhatsApp: (55 71) 99626-4779

Site: www.maisde3neuronios.com

AMOSTRA DA OBRA

Capa e quatro primeiras cartas do manuscrito: 21 de janeiro, 26 de janeiro, 31 de janeiro e 27 de fevereiro de 1974.

AMOSTRA DA OBRA



AUTOR: JUVÊNCIO MARINS

O PASSAGEIRO DA LINHA 3699

A CARTA DE 21 DE JANEIRO DE 1974

Em 18 de janeiro, eu usava um terno de verão leve feito de um tweed claro, cinza-azulado, com uma gravatinha de cetim azul. Minha nova namorada, Lilian Altmann, desejava estar vestindo outra coisa que não o vestido simples de cor creme, bufante nos quadris, que lhe parecera perfeitamente apropriado para tomarmos o café da manhã na casa do meu novo diretor, Celso Dukakis, que soube fora indicado pelo próprio Jarbas Passarinho, ministro da educação, já em final de mandato, no governo de Emilio Garrastazu Médici. Lilian ficou radiante e insistiu para levá-la, confessando ser fã dos artigos dele e de sua fama como amante de jazz, que ela adorava.

Os ventos pareciam querer mudar em Brasília, após a eleição de Ernesto Geisel ocorrida em 15 de janeiro. Soube, também, que o impacto do resultado da votação dos 503 eleitores do Colégio Eleitoral, após a vitória da ARENA contra o MDB de Ulysses Guimarães e Barbosa Sobrinho, provocaria alterações na formação do novo governo a ser empossado em 15 de março, fazendo o novo presidente nomear um ministério composto com maioria civil. Nos corredores da faculdade, confesso, existia a expectativa de que carreiristas viessem a assumir alguns deles. Ney Braga, meu conterrâneo, embora originalmente um militar, andava cotado para assumir a pasta da Educação. Isso me tranquilizava, de certa maneira, pois ele tem um histórico de conciliador, o que cessaria meus pesadelos e minhas tantas idas e vindas ao DOPS, para ter que explicar o fato óbvio: que jamais estive envolvido em qualquer ato subversivo, exceto levar fogos de artifício ao estádio Couto Pereira, nas partidas do Coritiba.

– Perdoe a minha intrusão – eu disse a Isadora Dukakis. – Tive de ir à Reitoria para resolver uma situação desagradável...

A mulher do diretor mostrou-se sensível e receptiva. Decerto ciente das minhas peripécias, que figuravam nos comentários corriqueiros, nos corredores da faculdade, com os relatos das minhas constantes ‘visitas’ ao Departamento de Ordem Política e Social.

– Bom dia, João Riban – disse ela, exalando um perfume juvenil, apertando a minha mão com vigor. – Que surpresa encantadora revê-lo.

O calor em sua mão parecia com o de uma panela em ebulição. Não recordava bem, mas nossos anteriores encontros foram mais formais do que aquele. Talvez por me receber em sua residência, talvez por eu estar acompanhado de uma mulher. Creditei ao acaso, no fim. Embora desconfiasse que por trás de tanta gentileza pudesse existir alguma coisa nada boa. Como dizia um antigo colega de universidade: ‘sorrisos bonitos e inexplicavelmente cordiais, quase sempre prenunciam notícias ruins’.

– Olá, como vai?

Ela deslocou o olhar para o lado, fez um bico com os lábios bem definidos e dirigiu-se à minha namorada:

– Já nos conhecemos? Sim, nos conhecemos. Você deve ser a...

Lilian interrompeu-a, respondendo impulsivamente:

– Sou Lilian Altmann. Sim, nos conhecemos na faculdade, quando fui devolver os livros à biblioteca. Esbarramos na portaria, recorda? João nos ajudou a recolher os livros e pastas.

Isadora soltou uma risada indefinível, bateu com a palma na própria testa e disse:

– Celso vive a reclamar. Diz que só não esqueço a luz da geladeira acesa, porque fecho a porta antes.

Nós três rimos. Achei a frase curiosa, lembrando-me as antigas senhas usadas durante o regime de Vargas pela polícia estatal. Aparentemente tolas, mas bem endereçadas. Senhas assim impediram a fuga da mulher de Luis Carlos Prestes, a militante comunista de origem judaica, Olga Gutmann Benário Prestes, julgada e deportada grávida pelo Estado Novo para terminar os dias de vida no campo de concentração nazista de Bernburg. Ela continuou, sem desgrudar o olhar de cima de Lilian:

– Que bom que veio tomar café conosco – disse.

– Quanta gentileza a sua – Lilian respondeu.

– Vai ficar conosco para o almoço?

Isadora olhou dela para mim, percebendo minha cara de surpresa. Nem havia bebericado um café, e, assim, do nada, caía um outro convite, agora para o almoço. Outro conhecido meu, lá da Bahia, diria que ‘caju demais na estrada é sobra do que foi roubado do seu cajueiro’.

– Eu adoraria – respondeu Lilian. – Mas, dependendo de João. Talvez precise pegar o ônibus mais cedo e é ele quem me leva. Retornarei na próxima semana.

– Não é de Curitiba?

– Eu amo Curitiba, mas nasci em Foz do Iguaçu.

– Nossa, sou apaixonada por Foz do Iguaçu. Como é mesmo que chamam... o apelido...

– Foz. Simples assim.

– Isso! Amo as cataratas, mas só conheço o lado brasileiro – ela riu. – Morro de medo de cair daquelas pontes. Como não falo espanhol, evito atravessar a fronteira. Ah, sabia que sou a gestora da ampliação do campus universitário da UFPR em Cascavel?

– Pertinho de Foz.

– Que bom, eu não sabia – me intrometi.

– Recebi ontem o comunicado. Ficarei responsável pela unidade experimental em Maripá e pela instalação da fazenda universitária no campus de Cascavel.

– Quem sabe a gente se encontre – disse Lilian, piscando.

As duas riram como se fossem amigas íntimas. Naquele momento, por absoluto desconhecimento, nem imaginei as razões de tamanha cortesia da parte de Isadora. Somente depois, como narrarei, descobri sua inimaginável atração por mulheres. Principalmente as loiras de cintura fina e corpo atlético, como Lilian.

– Que bela moça, João. Como se conheceram?

Pensei em dar uma resposta curta, mas as recordações do meu primeiro encontro com Lilian ainda estavam tão recentes, que preferi entregar a ela a senha da revelação:

– Passo a vez – falei, apontando para Lilian.

Ela fez cara de feliz, riu e disse:

– Na verdade, eu dei em cima dele. Encontrei-o casualmente na Reitoria há três meses, quando resolvia pendências da matrícula. Foi amor à primeira vista. Não desgrudo mais desse homem por nada nesse mundo.

Brinquei:

– Exceto quando viaja.

– Preciso ver meus parentes em Foz, amor – ela respondeu, fazendo um beicinho.

Isadora fez um gesto elegante com a cabeça e disse:

– Reitoria? Matrícula?

Lilian pareceu escolher as palavras:

– Na verdade, estive perto de perder a vaga.

– Posso ajudá-la, se quiser – ofereceu-se Isadora. – Conheço o pessoal do departamento de matrícula, pois trabalhei lá até 1968. Minha prima, inclusive, responde pela carteira de alunos jubilados.

Ela parou de repente. Pensou e voltou a falar:

– Você foi jubilada?

– Quase.

– Podemos ver isso.

Logo em seguida, Celso Dukakis entrou na sala. Isadora estava encantada demais com a beleza de Lilian para falar e nos apresentar. Eu mesmo me adiantei.

– Diretor – disse.

Ele parecia um sonâmbulo, com olheiras tão acentuadas quanto as de um urso panda.

– Estamos entre amigos, João. Sem formalidades – disse-me, com seu jeito objetivo.

Ele olhou para sua mulher, como se imaginasse o que preenchia a mente dela. Isadora só tinha olhares para Lilian.

– Por que não a leva até a sala de visita, querida? Creio que a moça adorará conhecer sua coleção da Seleções – ele mirou Lilian e continuou. – Isadora é aficionada por revistas que contenham assuntos, digamos, pouco convencionais ou exóticos. Coisas que envolvam temas relacionados a alienígenas, homossexualismo feminino, rachaduras na camada de ozônio, submarinos voadores ou hipnose ericksoniana.

Lilian mostrou interesse:

– Hipnose? Sempre me atraiu.

Isadora gostou da ideia. Pegou minha namorada pela mão e foi comentando sobre a sugestão de Celso:

– Meu marido tem razão. Já leu alguma revista Reader's Digest? Que incrível. Você se chama Lilian. Sabia que Seleções foi criada em 1922 por Lilian, que depois alterou o nome para Lila? Lila Bell Wallace, a corajosa canadense que vivia em Nova Iorque e lutava pelo empoderamento feminino já nos anos 20? O que sabe a respeito da hipnose? Já fez regressão? Isso lhe atrai? Sabia que a hipnose pode ser utilizada para fins eróticos? Lá em Foz do Iguaçu, onde nasceu, quantas pessoas conhece que se interessam por extraterrestres?

Ficando a sós comigo, Celso fez um sinal e eu o segui até a sala de jantar. Ele arqueou as sobrancelhas, puxou uma cadeira e pediu para eu fazer o mesmo. Era um homem de raciocínio límpido e eu adorava isso nele. Fomos colegas de sala na universidade. Graduamos em anos diferentes e seguimos também rumos diversos. Nosso reencontro foi há cerca de três anos, quando ele voltou de Brasília, cheio de condecorações e títulos. Percorri uma das paredes e vi suas medalhas de mérito militar (soube que lecionara na Academia das Agulhas Negras), comendas do Rotary Club e insígnias do ministério da educação.

Tornei a focar seu rosto e percebi que ele buscava as palavras. Ele embolou um guardanapo de linho branco e estendeu a mão por cima da mesa.

– O objetivo do nosso encontro é procurar uma solução para você, João.

Seu modo direto afluía novamente. Recebi o impacto como um soco do Muhammad Ali. Um silêncio repentino baixou sobre a sala. Depois, ele continuou:

– Estou pressionado. Apesar do seu histórico profissional, querem demais a sua cabeça, meu amigo.

Nesse ponto, Celso fez uma pausa e ergueu os olhos. Ele abriu a boca para falar, mas sua garganta parecia bloqueada pela emoção e nenhuma palavra saiu dela. Ele mexeu novamente no guardanapo, olhando para a porta. Ouvíamos as risadas de Isadora e Lilian. Subitamente, ele perdeu a reserva. Sua máscara formal de cortesia caiu e a angústia dominou seu rosto. Atropelando as palavras, ele falou:

– Ou o demito ou serei eu o demitido.

Senti, confesso, como se o chão tivesse escapulido dos meus pés. Um silêncio tenso tomou conta da sala. Celso ergueu os olhos e olhou para mim. Seu rosto estava pétreo, quando voltou a falar:

– Acredite, João. Você é um sujeito dedicado, culto, prestativo e companheiro, mas...

Ele pausou outra vez. Meu primeiro professor de filosofia tinha razão a respeito do dito ou escrito antes das conjunções. Mas, porém, contudo e todavia, perdiam o sentido quando se escutava ou se lia o que vem após. A expressão compenetrada de Celso Dukakis já me dizia tudo. Ele ficou constrangido. Desesperado para encontrar algo a dizer.

– Nunca fui subversivo – eu neguei.

– Vai negar até a morte. Eu faria o mesmo. Oficialmente, eles acham que você é. Para eles não ficou esclarecida sua situação com o pessoal do Araguaia. Os membros da guerrilha são filiados ao PC do B, e vários são seus amigos de infância.

– Araguaia? Eu não tenho nada com isso. Já expliquei mil vezes. Sou capaz de jurar sobre duas pilhas de Bíblias. Você também é meu amigo, sei que gosta de novelas e torce pelo Palmeiras, mesmo sendo curitibano. Até onde sei, isso não quer dizer que eu também seja noveleiro ou torcedor do time do Parque Antártica.

– Você é ateu. A Bíblia, o Livro dos Mortos ou o Corão lhe provocam cócegas e risos.

Ele mudou de tática:

– Aham que sabe onde está o dinheiro do assalto à agência do banco do Brasil, em Paranaguá. Os 60 milhões de cruzeiros.

Fiz uma careta.

– Em dólares, abatida a parte dos outros, você ficaria com uns três milhões – ele disse.

Celso deu de ombros, e prosseguiu:

– Você tem alunos que estiveram envolvidos com elementos ligados à luta armada, ao MR-8. Isso é perigoso. Nitroglicerina pura.

– O que tenho a ver com isso? Se algum dos meus alunos tiver cáries, serei acusado de fornecer-lhes os doces que destruíram seus dentes?

– Não me leve a mal, João.

– Estou sendo novamente interrogado? Está me gravando?

– Não estou interrogando e nem gravando você. Ninguém me mandou fazer isso quando decidi convidá-lo. Se o fiz, foi para acharmos juntos a melhor maneira de você deixar a cátedra de História na faculdade de sociologia e obter outra ocupação.

Quase supliquei:

– Eu tenho um filho, Celso. Ele está no Rio de Janeiro cursando Direito.

– Eu sei que tem um filho. Sei que você o mantém. Mas, o que quer que eu faça?

– Sou concursado.

– Isso não funciona com eles.

Respirei profundamente.

– Não suporto mais isso – murmurei.

– Tentei transferi-lo para Londrina, São Paulo e até mesmo para Porto Alegre... não consegui. Não aceitam outra alternativa, além da sua demissão a bem do serviço público.

Ele fez um gesto brusco com a cabeça.

– Creia, João... nesse instante, eu sou o seu melhor amigo. Não o convidei até aqui para armar arapucas, gravá-lo ou coisa parecida. Eu quero ajudá-lo. Tenho amigos e vou ver o que consigo para você se manter até tudo isso passar.

Celso levantou ao escutar os passos de Isadora e Lilian. Ele olhou para mim, girou o corpo, mas não sentou. Em vez disso, encaminhou-se para a saída, quando elas reapareceram. As duas sorriam e caminhavam abraçadas feito adolescentes.

A CARTA DE 26 DE JANEIRO DE 1974

No dia 24 de janeiro, eu recebi um telefonema de Celso Dukakis. Como me prometera, durante o café da manhã em sua casa, ele confirmava estar mesmo do meu lado. Na ligação, ele tentava impor clareza, mas sua voz continha fragmentos de angústia. Eu o conhecia bem e estava certo sobre isso.

– Conversei com Petrus Maciel. Velho conhecido e também rotariano. Expliquei-lhe superficialmente sua situação e ele mostrou-se receptivo e disposto em lhe oferecer uma vaga na empresa dele. Tanto que pediu para você ir diretamente em sua casa, quer conhecê-lo, antes de você passar no estabelecimento.

Ele tossiu. Eu perguntei:

– Que tipo de empresa?

– Rodoviária. Petrus tem dezenas de negócios e é o sócio majoritário da viação que cobre o oeste paranaense, com linhas intermunicipais, interestaduais e algumas internacionais. Aliás, a vaga é exatamente para uma dessas. Ele disse que você começará imediatamente, se for interessante trabalhar como motorista.

Quase ri, mas respeitei Celso.

– Motorista? Celso, de qual cartola retirou isso?

– Pelo que consta, você tem habilitação até para dirigir caminhão. Ao menos até onde recordo, não é mesmo?

– Isso foi durante a faculdade. Hoje dirijo minha Variant, encontrando profundas dificuldades para fazer o motor pegar quando a bateria baixa.

Ele parecia apressado e disse:

– Quer ou não aceitar a oferta de Petrus Maciel? Sua exoneração já foi para o diário oficial. Amenizei ao máximo, conseguindo colocar como se fosse a seu pedido.

Meu estômago embrulhou.

– Meu pedido. Exonerado a pedido, sem opções – disse.

– Ou preferiria que constasse como eles exigiam, com destaque para a acusação de subversivo incentivador de grupos sublevados?

Inspirei profusamente antes de prosseguir.

– Onde devo ir? Digo, onde devo encontrar Petrus Maciel?

– Anote o endereço.

Ele falou e eu escrevi. Era num bairro de classe alta, na zona nova de Curitiba.

– Posso confirmar com ele?

– Sim – conformei-me. – Só posso lhe agradecer o apoio.

Ele voltou a tossir.

– Perfeito. No fundo, será ótimo para você. Claro que o salário não será o mesmo, mas existem outras vantagens.

– Quais?

– Você vai trabalhar na mesma cidade onde nasceu a sua namorada.

– Que coincidência – eu disse.

Ele refletiu um instante, antes de responder:

– Você não acreditava em coincidências e sempre teve memória espetacular, João. Mudou depois dos quarenta anos?

Pela primeira vez escutei sua risada, mas percebi algo carregado nela. Meditei um instante e perguntei:

– Existe algo que eu possa fazer por você, Celso?

Ele pareceu ligeiramente perturbado quando respondeu:

– Mantenha sua namorada distante de Isadora, meu amigo.

Estranhei o pedido.

– Se houve algo ou se aconteceu algum tipo de indiscrição quando estivemos na sua casa, eu peço desculpas em meu nome e no dela – disse.

Ele inspirou tão forte que quase sugou o ar do meu quarto via Embratel.

– Você nunca desconfiou?

– Desconfiei de quê, Celso?

– Isadora... preciso pedir sigilo em nome da nossa longa amizade.

– O que tem ela?

Ele decidiu ser direto. Falou como se estivesse se referindo a alguém doente:

– Isadora é lésbica ninfomaniaca. Descobri após nosso casamento. Permanecemos juntos para manter as aparências. Costuma ter casos aqui e ali, mantendo total discrição. Mas, quanto a Lilian... não sei bem explicar essas coisas... ela se apaixonou no ato.

Mais tarde, um pouco mais relaxado, fui até o endereço do seu amigo. Era um belo edifício, com lindos jardins e um belíssimo elevador panorâmico, que refletia a nova tendência da construção civil em Curitiba. O próprio Petrus Maciel me recebeu à porta da cobertura onde morava, convidando-me a acompanhá-lo até a sala de jantar. A rapidez com que fui introduzido no interior do seu apartamento, compeliu-me a crer que, de fato, as amizades que Celso fez enquanto esteve em Brasília eram extremamente produtivas.

Petrus Maciel colocou-me sentado numa confortabilíssima poltrona de veludo, pedindo licença. Vi-o deslizar por detrás de uma cortina, atrás da qual deviam estar outras pessoas, pois escutei outras vozes, além da sua. Dessa maneira, aproveitei aquele solitário momento para ‘fotografar’ mentalmente todos os detalhes que pude (com interesse especial por um busto alojado num amplo nicho existente no centro da parede). Ergui-me e caminhei. Inclinei-me ligeiramente sobre aquele pequeno objeto de bronze, reconhecendo com surpresa se tratar de uma extraordinária efigie do Imperador Tibério.

Nos lados do busto, existiam emblemas e insígnias romanas, tão ou mais interessantes que ele. Olhei em volta e anotei na mente tudo sobre o lugar. Celso Dukakis, meu amigo, colega e meu ex-diretor na Faculdade de Sociologia do Paraná, estava definitivamente certo e acertou na mosca quando brincou sobre minha memória. Dela e da minha capacidade de cálculo métrico, que me tornava um homem, mesmo originário da área de humanas, com espírito da área de exatas, dada minha incapacidade de acreditar que o gato preto despencou do prédio porque era a sexta-feira 13.

Girei. O lugar media cerca de dezoito metros no diâmetro maior por nove no diâmetro menor. O teto, de uns três metros de altura, era ligeiramente abobadado, com traços romanos. Entretanto, a minha grande surpresa foi quando olhei para o lado oposto. Em lugar de uma grande janela, como a que existia no outro extremo do salão, o dono da cobertura abriu uma claraboia retangular no teto, fechada por uma lâmina de vidro. A luz da lua entrava em caudais, proporcionando à acolhedora sala uma luminosidade combinada com a luz de perfeitas luminárias espalhadas em volta.

Ao redor, formando ilhotas de conforto, havia estofados confortáveis para se sentar ou reclinar diante de mesinhas para os pés e criados-mudos para copos ou taças. Parte da parede à direita era elegantemente forrada com madeira e exibia luzeiros; na faixa que constituía o prolongamento da parede onde eu havia admirado o busto de Tibério, descobri uma porta estreita, completamente disfarçada por um jogo de iluminação, entre as veias de

dois painéis de cedro. Exatamente por ali é que foram aparecendo as outras pessoas, que surgiram, acompanhando Petrus Maciel.

Após entrarem no salão, Petrus percebeu meus devaneios e sugeriu-me que descalçasse os pés. Não compreendi, mas obedeci, afinal estava diante do meu futuro patrão. Ele apontou para as tábuas do piso e esclareceu o porquê da sugestão:

– Assim terá a oportunidade de experimentar a excelência do meu sistema de calefação.

Quase assoviei, mas me contive. Se era certo que nossa temperatura costumava oscilar, era também certo afirmar que poucos apartamentos de cobertura em Curitiba teriam algo parecido. Ao pousar meus pés sobre a madeira comecei a sentir, de fato, um calor muito sutil e reconfortante. Francamente, fiquei extasiado. O calor do piso transmitia uma energia suficiente para regular a temperatura da sala, sem necessidade de lareira. Não hesitei em tecer elogios.

– Extraordinário. Simplesmente fantástico.

– Gentileza sua – ele disse.

Olhou para o lado e fez as apresentações:

– Esse é Ricardo Dias, meu secretário particular. Será gerente na viação onde você trabalhará. Essa é Rute, minha caçula, do meu segundo casamento.

Cumprimentei ambos, mas detive meu interesse em Rute, não por causa do seu cabelo ruivo, seus olhos azuis, suas longas pernas e pelas voluptuosas curvas do seu corpo, moldadas na roupa justa, capazes de atíçar qualquer homem. Eu a conhecia.

– Com certeza eu a conheço da Faculdade. Quinto ano?

Ela sorriu um riso cativante:

– Não tive a sorte de ser sua aluna, mas acompanhei com interesse suas palestras sobre o Egito Antigo, a história da China Medieval e as repercussões das guerras mundiais. Gravei cada palavra sua. Sou sua fã.

Bom início. Estava explicada a razão da imensa cortesia. Não era apenas por Celso, agora compreendia. A ruiva herdeira do milionário era minha admiradora. Respondi ao sorriso com educação, mas amaldiçoei internamente o velho Petrus. Se a garota do sorriso gracioso me admirava tanto e se ele me recebia com tamanha galhardia por conta disso, bem que podia me conseguir coisa melhor, sem desmerecer a função que me ofertou. Se pudesse lhe diria que trocava a vaga de motorista em Foz do Iguaçu por qualquer outra administrativa, desde que fosse em Curitiba, com melhor remuneração e não tivesse que enfrentar estradas e aduanas entre o Brasil e a Argentina.

– João – disse num tom baixo e professoral. – Celso Dukakis me deu as melhores recomendações a seu respeito. Inaugurei novas linhas em Foz do Iguaçu e gostaria que aceitasse o emprego.

Agradei. Ele prosseguiu:

– Rute também fez excelentes recomendações a seu respeito.

Respondi a ela com um olhar. Por um momento encontrei algo muito íntimo nos olhos azulados de Rute, prestes a superar a barreira acadêmica. Procurei não dar força a tais sutis pensamentos, concentrando-me no seu pai:

– Reconheço que merece algo mais relevante. Um homem com sua expertise. Todavia...

Quase ri ao escutar a conjunção adversativa. Era a segunda pessoa no espaço de alguns dias com a mesma conversa.

– Venho de uma família onde cada um conhece o exato valor de cada conquista. Eu mesmo sou um exemplo. Meu pai poderia me dar um cargo diretivo quando eu tinha vinte e dois anos, formado em Administração e cheio de expectativas. Mas não. Fui trabalhar em Mato Grosso, como tratorista. Permaneci lá por dois longos anos, os quais hoje posso afirmar serviram para moldar minha personalidade, proporcionando as condições para compreender o jargão familiar criado por meu avô.

Ele calou. Olhou em volta. Quando fiz a pergunta percebi que ele explodiu de contentamento por dentro:

– Que seria?

– Somos como formigas, prontas para vencer o inverno do mundo – ele disse pomposamente.

Podia jurar que esperava algo mais clássico, talvez uma citação em latim, quem sabe uma frase icônica. Pelo que notei, Petrus Maciel queria mesmo era me testar. Daí a vaga de motorista em uma das suas dezenas de empresas. Ele estava tão empertigado que acreditei que envergaria. Olhou-me em silêncio e depois virou-se para a mesa, dizendo:

– Que acha?

– Sobre o lema da sua família?

– Não. Sobre a nossa leve refeição.

Olhei diretamente para a mesa:

– Parece apetitosa – afirmei.

A ‘leve refeição’ consistia, entre outras minúcias, de frutos do mar e ostras; de galinhas cevadas e untadas sobre ostras empanadas. Essa era a entrada. Os demais pratos eram ainda mais suculentos, conforme vi no cardápio colocado junto a cada louça disposta sobre a comprida mesa: lombinho de corça, empadas de tetas de leitoa e tâmaras submersas em suco de uvas. Sem brincadeiras, não sabia sequer soletrar os nomes das iguarias, mas sairia dali convicto que Petrus Maciel pretendia encher meu bucho por uma semana. Quem sabe para que eu chegasse com o estômago suficientemente forrado em Foz do Iguaçu.

– Gostou?

– Estou pensando como vamos comer tudo isso.

Ele gargalhou. Rute aproximou-se, ficando debaixo da luminária central. Sua pele era tão branca que seria capaz de passar totalmente despercebida, acaso estivesse nua e sem cabelos, com olhos fechados, recostada numa parede de igual cor. Seus seios eram tão redondos que

facilmente se confundiriam com maçãs gigantes e sua boca possuía o lábio inferior tão protuberante e sensual, que acreditei ser algo implantado.

– O que pensa a respeito, professor?

– Sobre o jantar?

Ela riu e disse:

– Não. Sobre nosso lema familiar – explicou. – Compreende a extensão do significado?

Olhei dela para Petrus, que moveu o queixo. Respondi sem ter a certeza de que minha resposta agradaria. Usei parte das próprias palavras do velho:

– Admirável. Demonstra o quão importante é dar o necessário valor às conquistas.

Ela, seu pai e o secretário dele paralisaram os olhares sobre mim e permaneceram inertes por segundos. De repente, os três bateram palmas, especialmente Rute, que me deu um abraço e disse em seguida:

– Que bom. Estou muito feliz com sua decisão.

– Que decisão?

– Vai querer o emprego? Claro. Quer aplicar o nosso jargão? Com certeza.

– Oh, claro que sim – confirmei.

Novas palmas. Ela me deu outro abraço, mais apertado que o primeiro, e revelou:

– Não foi papai que ofereceu à vaga, fui eu que pedi quando soube que era você.

– Seu pai disse que se trata de uma nova linha. É isso?

– Sim. Algumas novas linhas.

– A linha que vou trabalhar tem número? Sou um tanto supersticioso.

Ela riu alegremente.

– Até onde sei o senhor é ateu. Custo a crer que seja supersticioso – disse.

Eu ri e respondi:

– Permito-me crer em coisas que não sejam impiedosas com uns e supostamente benevolentes com outras, sem ser indelicado, obviamente.

Olhei para Petrus, que era judeu. Ele relevou minha fala, tomando-a como o contexto.

– Talvez sim. Vou verificar – Rute disse. – Mas, é a empresa que define a numeração e depois informa à prefeitura. Tem alguma sugestão?

– Pode ser 3699?

– Seu desejo é uma ordem, mestre – inclinou-se ao responder.

Senti-me constrangido. Ela riu e continuou, com os olhos azuis fixos em mim:

– Amanhã viajaremos para Foz do Iguaçu. Seu contrato terá a duração de um ano. Se superar essa etapa – e estou segura que conseguirá, garanto que em breve estará comigo dirigindo meus negócios.

– Seus negócios?

– Estou muito velho para tocar os empreendimentos – interveio Petrus. – Meus outros filhos, do primeiro casamento, cuidam da parte que lhes confiei em São Paulo, Mato Grosso, em Minas e no Rio de Janeiro. Rute formou-se. É jovem e esperta. Logo estará à frente do que reservei para ela. Antes...

Ela lhe sequestrou a palavra como se já comandasse a família. Notei seu olhar cheio de más intenções, quando me encarou.

– Estou faminta – Rute disse. – Amanhã, quero-o cedo no escritório. Teremos uma longa viagem pela frente até a tríplice fronteira.

A CARTA DE 31 DE JANEIRO DE 1974

Ontem, dia 30, pela manhã, fiz a primeira viagem como motorista da Trópicos Viação Rodoviária no trecho entre Foz do Iguaçu até Puerto Iguazú, na linha 3699 (como filha do dono e gerente, Rute não teve dificuldade para impor esse número). Viagem curta, pouco mais de 15 quilômetros, saindo do terminal de transportes urbanos, no centro de Foz, e seguindo pela avenida das Cataratas até o país vizinho. Puerto Iguazú, na região de Misiones, na Argentina, era a menor cidade da tríplice fronteira. Um local com ares de

cidadezinha do interior, cujo principal ponto turístico, além de alguns cassinos e da feira municipal, era a visita ao lado argentino das Cataratas. Além do preço baixo da passagem, a grande vantagem de ir até lá de ônibus estava no fato de não precisar enfrentar as filas dos carros na imigração, bastando fazer a conferência na aduana da Argentina.

Instalei-me no hotel de propriedade de Petrus Maciel, em Foz do Iguaçu, no dia 25, num quarto vizinho ao de sua filha, e no mesmo andar do quarto de Ricardo Dias, o secretário. O aposento tinha um banheiro com chuveiro e era simples. As paredes estavam pintadas de branco e existiam móveis de aparência barata, porém resistentes, ao estilo família Maciel, intui: cama de casal de madeira envernizada, ventilador de teto, dois armários embutidos com cabides, uma mesinha com cadeiras e uma poltrona alta, além de um pequeno móvel perto da janela, pela qual podia ver a extensão da rua, onde existia uma agência dos Correios à esquerda, um posto fiscal na ponta contrária e um mercado defronte, cujo telhado ficava à altura do meu quarto. Sorri. Se alguém quisesse, subiria nele e me alvejaria, enquanto eu lia o jornal Estado do Paraná sentado na poltrona de couro rústico. Ajeitei as roupas e sapatos, deixando dentro da mala (que tinha cadeado) alguns objetos pessoais, entre eles meus binóculos e a máquina fotográfica Chinon CX, lente 55 milímetros, com temporizador, que adquiri em Ciudad del Este, no Paraguai, em 1972.

No dia seguinte – e também nos dias 27 e 28, sempre no turno matutino, passei por algumas avaliações e cursos, onde recebi informações necessárias para desenvolver a atividade, coisas comuns como a conferência dos bilhetes ou como realizar os registros no escritório aduaneiro, além de noções de espanhol. As tardes ficaram reservadas para as oficinas e os testes com os veículos. Percorri o trajeto até Puerto Iguazú para me ambientar, sem encontrar qualquer dificuldade com os ônibus, que não eram grande coisa, nada diferentes dos usados no transporte público de Curitiba.

Somente na noite do dia 30, no hotel, após o jantar na companhia de Rute e Ricardo, consegui contato com Lilian, que estava em Curitiba. Era a terceira tentativa desde o dia do meu encontro com Petrus, quando a avisei sobre o resultado da conversa. Ela atendeu.

– Lilian – eu disse em tom de brincadeira. – Desistiu de mim?

Ela fungou antes de responder, confirmando minhas suspeitas de que andava gripada. Lilian tinha frequentes resfriados e quase sempre quando retornava para a capital.

– Estou bem, João – respondeu, num tom fanhoso. – Como foi a viagem?

– Tranquila.

Ela deu uma fungada forte e disse:

– Quer dizer, então, que você está fase de testes?

O tom moderado na voz me relaxou:

– Parece loucura, não é mesmo? De mestre em história mundial para motorista na fronteira. Se me sair bem serei promovido para trabalhar com a filha do dono.

Percebi certa inquietação na voz dela em seguida:

– Como ela é? Soube que é jovem.

– Rute Maciel? Deve ter uns vinte e quatro anos. Uma pessoa comum, apesar da fortuna. Tipo de gente que se você não souber que se trata da herdeira da sexta maior fortuna do Paraná, tranquilamente tomaria como uma cidadã qualquer.

A voz de Lilian congelou:

– É, certamente. Cinco anos mais nova que eu – disse.

Isso me deixou preocupado, mas não surpreso. Não seria a primeira e nem a última vez que demonstrava ciúmes. Ficamos em silêncio solene por alguns segundos, tempo em que measurei, pelo fluxo de sua respiração, a quantas estava seu humor. Mais uma vez, foi Lilian quem falou:

– Retornarei para Foz em alguns dias, antes preciso resolver o problema na Reitoria.

Lembrei instantaneamente do pedido de Celso Dukakis, e disse:

– Não quer deixar para ir comigo? Pela escala de trabalho, terei uma semana livre daqui a doze dias, antes do carnaval.

Lilian se esforçou para não sorrir, antes de perguntar:

– Não quer que eu vá com Isadora Dukakis à Reitoria?

Ela parecia ler meus pensamentos, antecipando-se. No fundo, eu compartilhava a frustração do meu amigo. Seu casamento foi badalado e ele amava muito sua noiva. Creio que ainda a amava, mas não sei como conseguia conviver com a rejeição de Isadora pelo sexo masculino. Imaginei que viviam feito irmãos, sob o mesmo teto.

– Fique tranquilo – ela disse. – Posso até tirar umas lasquinhas dela, mas eu gosto mesmo é de homem – riu. – No caso, você. Por isso comporte-se.

Ela deslocou o foco da conversa e questionou:

– Como foi sua primeira viagem?

– Não conduzi alienígenas no ônibus da linha 3699 – brinquei.

Ela riu mais solta. Eu continuei:

– O trabalho é repetitivo, embora simples.

– Bom, então.

Ouvi sua risadinha e perguntei:

– O que foi?

– Quando conheci você, escutei a mesma coisa. Lecionar é coisa simples, porém repetitiva, você dizia.

– Pensando melhor, até que foi divertido.

– Por quê?

Silencieei. Ela ficou esperando.

– Atrasei-me na recepção do terminal. Daí, quando finalmente alcancei o pátio, a fila já estava comprida. Os passageiros olharam do funcionário da Trópicos para mim, percebendo que eu era o motorista. O veículo estava estacionado e em funcionamento. Troquei um

rápido olhar com Carlos, o conferente, subi os degraus, guardei minhas coisas no armário e voltei para a porta. Carlos me deu o furador dos bilhetes e se afastou...

– Começou mal, pelo visto – ela riu. – Quem foi o seu primeiro passageiro na linha 3699?

Ela inspirou e acrescentou outra pergunta:

– Ou passageira?

– Um homem velho com um bigode espesso. Usava chapéu encovado e paletó. Tinha uma cara rígida como uma rocha e portava uma valise prateada.

– Graças a Deus você não tem bigode. Detesto pelos. Coisa anti-higiênica.

– O curioso é que o reencontrei casualmente no banheiro público. Na verdade, ele não me viu, pois eu estava com a portinhola fechada, quando ele entrou, lavou o rosto e as mãos, trocou palavras em outra língua com uns caras, que apareceram em seguida, e saiu com eles.

Lilian pareceu intrigada.

– Outra língua? Qual? Inglês? Francês?

Refleti um instante, vasculhando a mente.

– Era alemão. Sim, conversavam em alemão.

A CARTA DE 27 DE FEVEREIRO DE 1974

Comprometo-me a não ficar muito tempo sem escrever, pedindo para observar os dias em que escrevo as cartas, e assim entenderá, que se pudesse, escreveria todos os dias, como fazia com sua mãe, antes dela falecer, recorda?

Acredite, achei que teria uma semana de folga, mas Rute Maciel cancelou quando soube da quadruplicada legião de turistas que desembarcaria na tríplice fronteira. Fora isso, necessitei ir três vezes na aduana, para regularizar meus vistos. Não fosse pelos contatos de Rute Maciel e de Lilian (que chegou em Foz no dia 9), talvez não tivesse resolvido.

Na verdade, existiram dois outros motivos que me dificultaram escrever cartas. Rute Maciel foi o primeiro deles. Nesse curto período, cheguei à conclusão de que ela e Ricardo Dias são excelentes pessoas, bons parceiros, cheios de planos, mas completamente inexperientes. Com relação à ruiva, às vezes medito se o lema do velho Petrus a tornará apta para dirigir a cabeça dos negócios, ou se a fará desistir no meio do caminho. Julguei-a apressadamente, achava que tinha tempera e era decidida, mas, pelas suas atitudes juvenis, vejo que está mais para uma grande garota mimada e endinheirada do que uma mulher de fibra ou com tino comercial. Ela é insegura, vacilante e, pior, confundia as relações.

Prova disso aconteceu no dia 8, quando ela criou um terrível constrangimento entre mim e Lilian. Como de hábito, à noite, nos encontramos no restaurante do hotel. Dessa vez, Ricardo não compareceu, pois tinha viagem agendada para a madrugada e retornaria na terça-feira, dia 12. Após o jantar, ela me surpreendeu com o convite para algumas taças de vinho. Disse-me que era para comemorarmos nossa atuação, que seria por sua conta e que seriam somente alguns goles. Até ali, não percebia nada demais, embora a avisasse que precisava dormir cedo, no que ela rebateu dizendo que eu não trabalhava nos finais de semana, lembrando-me que o dia seguinte era um sábado. O papo descambou para o lado pessoal e comecei a me preocupar com seu estado. Foi nesse ponto que descobri que Rute era susceptível ao álcool – não sabia nada sobre as suas crises alcoólicas, e tampouco que deveria guardar distância de qualquer tipo de bebida.

Ao verificar o ritmo da conversa, me dei conta que ela queria beijar-me. Num certo momento, ela perdeu a compostura, passando a cochichar suas intenções no meu ouvido. Pediu beijos, afirmando que quando isso acontecesse, seríamos dominados pelos

sentimentos, e então iríamos para a cama, para passarmos a noite fazendo sexo sem parar. Nesse ponto, quando ela parecia não estar mais ciente do que fazia, a necessidade de discrição desapareceu de suas fantasias. Estava completamente anormal e agia como se estivesse robotizada, pegando em minhas pernas e roçando os seios nos meus braços. Para o bem dos dois, eu a levei até a porta do quarto e coloquei-a na cama. Ela parecia dominada pelo alter ego alcoólico:

– Eu... estou... onde me leva?

– Aqui é seu quarto, Rute.

– Rute? Meu nome é Rute? E você? Quem é você?

Tive pena de Rute Maciel. Tão jovem, tão bonita, com tantas incríveis possibilidades, submetida, escravizada pela bebida. Conhecia a respeito. Pessoas naquele estado comportavam-se como se estivessem num transe. Ela podia ver unicórnios, sentir o fogo de um vulcão e fazer qualquer coisa que eu lhe ordenasse. Ela executaria o comando, e, no dia seguinte, vencido o prazo do álcool, não recordaria de nada. Torturadores utilizavam o álcool para subjugar prisioneiros, transformando-os em cãesinhos amestrados, prontos para cumprir ordens em troca da ração. Dobrei suas pernas, quando a deitei. Ela não resistia.

– Sou seu amigo, Rute – disse. – Cama... essa é sua cama. Sabe o que significa?

– Cama?

Seus olhos azuis estavam vidrados.

– Sexo – ela disse repentinamente. – Meu nome é Rute... Rute quer sexo.

Ela ergueu o torso e arrancou a parte de cima da roupa. Os seios brancos e rígidos saltaram. Tentei contê-la, mas ela desviou e tornou a ficar em pé. Despiu-se em segundos.

– Dormir, Rute. Cama para dormir. Agora, durma.

Ela girou, sentou e deitou sobre o lençol.

– Dormir... cama para dormir – murmurou, fechando os olhos.

Suspirei. Em seguida, fui para o meu aposento. Às nove da manhã do dia seguinte, ao abrir os olhos, deparei-me com os vibrantes olhos verdes de Lilian, parada, em pé, de braços cruzados. Ao lado, nos seus pés, sua mochila. Mais à direita, jogada sobre a poltrona como uma boneca, nua, de bruços, ainda roncando, estava Rute Maciel, com a cabeça virada para o lado e a boca entreaberta escorrendo saliva. Lilian puxou meu lençol. Eu estava sem roupas, pois só durmo assim. Ela aproximou-se de Rute, sentiu o odor e perguntou:

– Essa é a posição que a alcoólatra gosta?

– Lilian, eu...

– Você está evoluindo. Pelo que vejo, o gostosão da faculdade não perdeu tempo, e traçou a filha do chefe – disse, dando um forte tapa na borboleta tatuada na nádega de Rute, que nem assim despertou.

Lilian desdenhou:

– Puta rica não acorda cedo nem com banda de música. Bêbada, então...

Mordiscou os lábios e coçou a base da nuca com displicência. Depois, disse:

– Tem dez minutos para tirar essa vagabunda daqui, tomar um banho e se vestir. Encontre-me no saguão. Lá embaixo conversaremos.

Perdi o final de semana inteiro me explicando com ela, que somente sossegou depois que a própria Rute esclareceu os fatos, totalmente envergonhada.

– Peço desculpas, eu errei – disse Rute, sentada de frente para mim e Lilian, no saguão. – Não posso beber. Tenho problemas com bebidas desde os quatorze anos. Fico em transe alcoólico com qualquer dose – ela pausou, respirou e prosseguiu. – Ricardo não é secretário de papai. Ele está aqui para me impedir de beber – olhou para mim e disse. – João não tem culpa. Certamente, agi no automático. Devo ter levantado no meio da madrugada e entrado no quarto dele, pois a minha chave é mestra e abre qualquer porta do hotel...

– Que é de sua família – observou Lilian, com as pernas cruzadas.

– Sim. Eu peço perdão. Isso não acontecerá mais.

– Não tenho dúvidas – respondeu Lilian, num tom que me preocupou.

Quando Rute se afastou, ela olhou para mim e disse:

– Agora as putas ninfetinhas chamam o desejo de trepar de agir no automático.

O segundo motivo, por mais incrível que pareça, também envolveu Lilian, e ainda não terminou, e nem sei quando terminará. Como expliquei, Lilian passaria a semana comigo, antes de voltar para Curitiba. Passado o final de semana, eu a coloquei num táxi para ir visitar os parentes, combinando comigo que retornaria na manhã seguinte, e fui para o terminal rodoviário. O dia transcorreu sem novidades e retornei para o hotel convencido que uma noite de sono restauraria minhas energias e me faria esquecer o imbróglio da sexta-feira. Eu e Rute cruzamos olhares no corredor e descemos em silêncio ao restaurante. Jantamos sem trocarmos nem uma palavra. Ela continuava escabreada e, no final, se limitou a dizer que Ricardo Dias retornaria na outra terça-feira. Acompanhei-a, despedi-me dela e abri apressadamente a porta do quarto. Corri até o criado-mudo, que ficava junto da janela e tirei o fone do gancho. Reconheci imediatamente o timbre da voz.

– Oh, é você – disse. – Como está? Tudo bem?

– Estou ótima. Tanto que vejo você com nitidez, exceto pela cortina que balança. Tem ventilador de teto no seu quarto?

Estranhei suas observações. Imediatamente virei para a esquerda e olhei para fora.

– Isadora, o que faz aí?

A mulher de Celso Dukakis estava no telefone público no outro lado da rua e acenava. Não tive como recusar o pedido:

– Podemos tomar um café?

Três minutos depois, estávamos sentados no restaurante. Eu a encarava tentando entender o que estava acontecendo.

– Então, estava em Cascavel?

– Sou a gestora da ampliação do campus universitário da UFPR em Cascavel. Lembra?

Recordei-me da conversa em sua casa, e, por tabela, dos seus olhares em Lilian.

– Claro que lembro.

– Pois é. Decidi dar uma passadinha na viação. Lá me informaram seu hotel, e aqui estou.

Ela hesitou um instante. Depois, esclareceu:

– Petrus Maciel esteve lá em casa e, óbvio, falou da sua contratação.

– Que bom – disse, sem jeito.

Pensei em Celso. Ela adivinhou:

– Está pensando em Celso? Não, ele não veio comigo. Teve que ir às pressas até Brasília.

Ney Braga foi confirmado pelo presidente Geisel como o próximo ministro da educação, após Jarbas Passarinho declinar do cargo. Tomará posse em 15 de março com pompa. Prefeito em 1954, deputado e agora ministro vinte anos depois.

Interessei-me.

– Celso...

– Vai morar praticamente dentro do avião, pois ficará na ponte aérea Curitiba-Brasília enquanto Ney for ministro. Os laços de parentesco falam alto, meu amigo. A mãe de Celso é prima de Ney Braga, lembre-se disso.

– Bom para vocês.

– Para você também.

Meu rosto deve ter se transformado no de uma múmia:

– Não entendi.

– Celso vai lhe contar. Aliás, pediu sigilo, mas como segurar essa notícia?

– Que seria?

– Limpou sua ficha. A partir de agora terminaram as idas e vindas às delegacias e ao DOPS. Foi o Ney Braga, que mexeu os pauzinhos e conseguiu arquivar o processo.

– Erigirei estátuas para eles – brinquei. Ela sorriu.

– Na verdade, aconteceram outras coisinhas no meio do caminho.

Cruzei as mãos sobre o tórax, esperando que falasse sobre as coisinhas'.

– Logo vai sair na imprensa, talvez em pequenas colunas, alguma coisa sobre o desaparecimento dos membros do MR-8 que assaltaram o banco do Brasil.

Arqueei as sobrancelhas, mas mantive-me impassível. Ela prosseguiu:

– Foram capturados no interior da Bahia e em Pernambuco. Tramavam a fuga.

Brinqueei:

– A nado, pelo oceano Atlântico?

Ela riu, e voltou a ficar séria.

– Foram presos – continuou. – Trazidos para São Paulo e pouco depois aconteceu.

Dissolvi o laço das mãos e aparei o queixo com a esquerda, mirando-a.

– Não disseram uma palavra sobre o destino do dinheiro. Parece que os 60 milhões de cruzeiros evaporaram. Imagine, cerca de 10 milhões de dólares. Celso me disse que o governo esgotou as buscas nos paraísos fiscais para onde a Internacional Comunista poderia ter enviado a grana. Cá para nós, Brasília anda meio sem moral e apoio a nível externo, por isso Geisel dá sinais de abertura.

– Vai demorar. Com o AI-5...

– Os ventos estão soprando de forma diferente em Brasília, João. Veja só. Além da ajuda de Ney Braga, você contou com a sorte. Se achavam que você tinha algo a ver com o assalto, isso acabou e foi enterrado com os caras do MR-8. Celso usou esse argumento com o ministro.

Celso Dukakis era mesmo um amigo, mas não poderia considerar sorte ter a ficha limpa graças ao silêncio funerário dos integrantes do MR-8. Silenciamos um momento. Apesar dela parecer razoavelmente contente, algo a deixava consternada. Não quis mentalizar isso para não dar vida aos pensamentos, mas sabia exatamente a razão. Ela titubeou um instante, e depois perguntou:

– Lilian está no hotel com você?

– Foi ver os parentes na zona rural. Volta amanhã.

– Não tem saudades?

– Me faz falta vê-la, sentir os cachos do cabelo dela... Lilian tem carisma.

Os olhos de Isadora iluminaram. Traiu-se, mas logo disfarçou, lançando outra pergunta:

– Como está na nova profissão? Soube que até batizou a linha.

– É um trabalho como qualquer outro. Entra gente, sai gente. Aduanas. Sacolas e pessoas ora sorrindo, ora ralhando. Bilhetes para conferir e muitas conversas alegres, no terminal em Puerto Iguazú, com o conferente Carlos, o dublê de paraguaio-argentino-brasileiro que ainda não definiu sua nacionalidade. Talvez defina quando Rivelino marcar o gol do título, na final da copa do mundo, contra a Alemanha Ocidental, em 7 de julho. No geral, é isso.

O garçom se aproximou. Ela pediu uma soda e pãezinhos.

– Estou pensando em me hospedar aqui – disse.

Ela notou que não me surpreendi. O garçom, um rapaz negro de nome Antonio Veloso, colocou a soda no copo e ela perguntou:

– Há quartos vagos?

– Senhora – ele disse. – Creio que sim, mas confirme na recepção, pois com o carnaval....

Ela sorriu. Sua dentição era linda, na verdade, Isadora era um espetáculo de mulher. Rosto jovem, sem marcas do tempo, apesar dos quarenta anos. Enxuta, alta, seios protuberantes e sempre bem vestida. Os homens fariam fila por ela. Mas, o destino queria que se apaixonasse por Lilian.

No dia seguinte eu trabalharia no turno da tarde, por isso não me preocupei com o despertador. Acordei às oito, fiz a barba quinze minutos depois, tomei café às nove e permaneci no quarto por meia hora fazendo ligações para conhecidos na região. A tríplice fronteira era reconhecidamente uma espécie de zona internacional não apenas por conta do apelo das cataratas, mas pela quantidade de imigrantes que recebia. Nas minhas idas e vindas pelos distritos universitários, por óbvio, acrescentei inúmeras amizades ao meu

cartel. Foi exatamente quando recoloquei o fone do aparelho no gancho, que a porta abriu. As duas sorriam ao entrarem. Guardei imediatamente minha agenda, sob o olhar de Lilian. Isadora, ao lado, era só felicidade. Parecia ter dezoito e não quarenta anos.

– Olha só quem encontrei, amor – disse-me Lilian, com cachos loiros sobre a testa. – Pediu-me para ciceroneá-la pelos pontos turísticos de Foz, durante o carnaval.

– Você não tem viagem marcada?

– Postergarei meu regresso para Curitiba. O que farei lá sem você e minha amiga?

Evidente que as duas se encontraram à vontade enquanto eu trabalhava. Tiveram toda a semana para isso. Até aí, eu acreditava que Lilian resistiria ao perfume e aos lábios bem feitos de Isadora Dukakis, mas me dei mal. Pela noite, nos dias seguintes, após seus ‘passeios’ com Isadora, Lilian mostrava-se cansada, endereçava-me pouco mais que um sorriso torto e mal me desejava boa noite de sono, virando-se na cama. Senti na pele a maldição de Celso Dukakis.

Flagrei-as na quinta-feira em nosso próprio quarto. Não faziam sexo, mas estavam tão enlaçadas, que a desculpa de Isadora referente a suposto Reiki que fazia em Lilian, soou-me como se alguém tivesse dito que a União Soviética havia sido extinta por decreto e o czarismo estava de volta, que a Argentina ganharia a copa da FIFA, liderada por um camisa 10 que se igualaria a Pelé ou que comprovaram que a ida à Lua, em julho de 1969, foi uma armação gravada num estúdio. Reconheço, não tive cabeça e nem ânimo para escrever nem uma linha naqueles dias. Quem dera uma carta inteira.